

A MALDIÇÃO DOS HEMINGWAY



O AUTOR MUNDIALMENTE RECONHECIDO PÔS FIM À SUA VIDA NO DIA 2 DE JULHO DE 1961, ESCOLHENDO O MESMO DESTINO FINAL DE QUATRO DOS SEUS MEMBROS FAMILIARES: O SEU PAI E TRÊS DOS SEUS IRMÃOS. MAIS TARDE, TAMBÉM A SUA NETA CONSUMOU O SUICÍDIO.

A SUA BISNETA RECONHECE A PREDISPOSIÇÃO GENÉTICA E PROBLEMAS MENTAIS E FÍSICOS COMUNS AOS SEUS MEMBROS DE FAMÍLIA. NOS TEMPOS ATUAIS, CONTRIBUI COM ORGULHO PARA A SENSIBILIZAÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL E PREVENÇÃO DO SUICÍDIO. A MESMA CHAMA À TRAGÉDIA DA SUA FAMÍLIA “A MALDIÇÃO DOS HEMINGWAY”. A FAMÍLIA LIDOU TAMBÉM COM AS CONSEQUÊNCIAS DA HEMOCROMATOSE. HEREDITÁRIA.

ESTE TRABALHO FOI DESENVOLVIDO ATRAVÉS DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ARTIGOS ESPECIALIZADOS, LIVROS DO AUTOR E CONSIDERAÇÕES E PUBLICAÇÕES REALIZADAS POR MÉDICOS PSIQUIATRAS.

INTRODUÇÃO

Hemingway foi um autor mundialmente reconhecido no seu tempo, tanto pelo seu estilo de escrita mais acessível como pela temática recorrente que escolhia para os seus romances, nos quais enaltecia a figura do homem ideal como um ser **heroico e estoico**, que desprezava as emoções e incumbia-se de realizar tarefas mais árduas, no sentido de testar os limites da sua própria resistência.

Na sua obra final, “O Jardim de Éden”, ocorre uma mudança significativa. **O discurso repetitivo e desorganizado** adotados por Hemingway criam uma aura de loucura. Há uma aparente perda do nexo e narrativa previsível das suas anteriores obras, que nos permite elaborar sobre o seu estado psicopatológico no momento da sua redação.

DOENÇA MENTAL?

DISFUNÇÃO

FAMILIAR?

ALCOOLISMO?

DOENÇA FÍSICA?



Image 1: Ernest Hemingway, drinking vodka from the bottle in Venice, Italy, 1954;; Photo: Archivio Cameraphoto Epoche/Getty Images

DESENVOLVIMENTO

“O Jardim do Éden”, a obra póstuma de Hemingway, foi redigida num período conturbado para o autor. Iniciada no **período pós-guerra**, foi posteriormente interrompida, enquanto o mesmo terminava a obra, que lhe concederia um prémio Pulitzer 1953 e um Nobel em 1954: “O Velho e o Mar”. Quinze anos após ter iniciado a obra, esta encontrava-se ainda inacabada, quando consumou o suicídio. **Reiniciada várias vezes**, constariam mais de duzentas mil palavras, cujo conteúdo seria depois reduzido para publicação.

Peritos da área verificaram, na forma de escrita e conteúdo do livro, uma deterioração significativa da saúde mental de Hemingway.

Adicionalmente, verificou-se um padrão de **doença psiquiátrica grave na família Hemingway**.

Aqui, as opiniões divergem.

Vários psiquiatras suspeitam que o autor sofresse de **Doença Afetiva Bipolar**. Outras observações dos seus textos e vida pessoal evidenciam uma possível perturbação de personalidade do **Cluster B**.

Em 2017, o psiquiatra Andrew Farah argumentou que os sintomas de Hemingway se deviam a **Encefalopatia traumática crónica**.

Após várias concussões graves, há registos de um comportamento mais errático pelo mesmo.

No entanto, todos os peritos admitem a contribuição da história familiar, genética e abuso crónico de álcool como principais razões para o seu declínio gradual.

CONCLUSÃO

A idealização da figura masculina por parte das obras do autor é evidente e contrasta de forma muito significativa com a forma como terminou a sua ainda curta vida. Na aparente necessidade de escapar aos seus próprios demónios e aos que rodeavam as pessoas que lhe eram mais próximas, Hemingway criou figuras impenetráveis que surgiam como o escape ou escudo à sua inquieta existência.